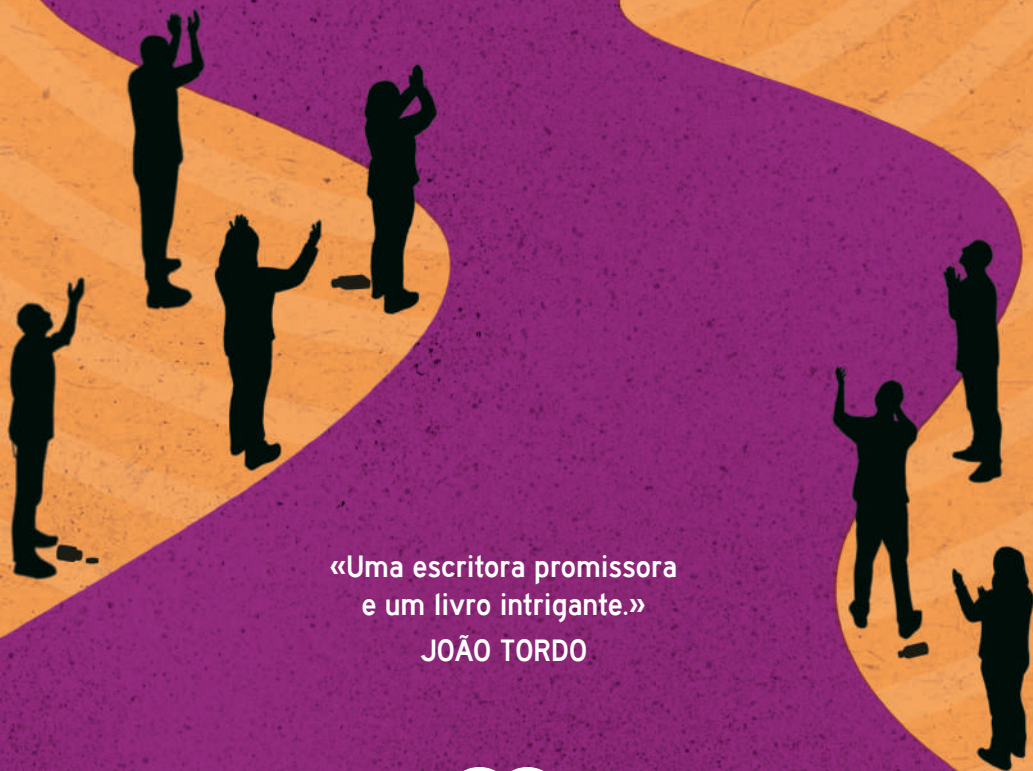


MARIA FRANCISCA GAMA



A

PROFETA



«Uma escritora promissora
e um livro intrigante.»

JOÃO TORDO



*À minha querida Mãe e irmã Carolina,
Ao meu amado e eterno Pai,
Aos meus avós, tios e primos: à minha família,
Ao Miguel,
Aos meus amigos, que sabem ocupar um lugar tão sério
no meu coração. Em especial, ao João Palma.
Ao João Tordo, escritor que sempre me inspirou
e me faz querer ser melhor.
À Diana Garrido, a minha editora e a minha maior crítica,
pela ajuda imensurável no aperfeiçoamento deste livro.*

Joana

Janeiro sempre foi um mês frio, daqueles em que o vento se entranha nos nossos ossos e as camadas de roupa não parecem fazer mais do que tornar-nos inevitavelmente mais lentos, como paquidermes em busca de água. Por mais que tenhamos vontade de fazer muitas coisas, janeiro é como o STOP que nos trava na estrada e obriga a aguardar a nossa vez de passar: tem de ser tudo com a calma e a sabedoria necessárias, não só por ser um mês frio, mas também por ser o início de um novo ano, esse mito cheio de promessas que não se cumprem.

Um novo ano. Esperanças renovadas, objetivos traçados, um passado para trás das costas. Tocam as doze badaladas e como por magia uma nova vida é-nos entregue por alguém ou algo, e aí estamos nós: prontos para recomeçar, prontos para fazer tudo bem desta vez, prontos para inventar uma nova vida, na qual sejamos mais felizes, menos fracassados. Como se isso estivesse ao alcance de todos ou sequer da maioria.

Olho-me ao espelho: sou magra, tenho pouco mais do que um metro e sessenta e cinco e a minha pele denuncia toda a maquilhagem que usei na adolescência. Os meus olhos são castanhos muito escuros, como se, arriscaria dizer, fosse impossível ver o espelho da minha alma. Tenho os lábios finos e o meu nariz é uma cópia perfeita do da minha mãe. À medida que me vou analisando, reparo que o meu peito teima em sair entre os botões da blusa, e que as pernas, agora que estou de saia, têm nódoas negras e marcas das vezes em que, embriagada, apalpei no escuro o caminho até à cama. Acho que sou uma mulher elegante, talvez até bonita, mas não o suficiente para que alguém se recorde de mim pelo meu físico, esse portfólio embelezado da podridão que sou por dentro.

Estou num café ao fundo da minha rua, do qual me apropriei, sem dizer aos donos, há já algum tempo. Não é um café que a maioria de vós escolhesse para passar umas horas com os amigos, mas, para mim, é perfeito: é escuro, barulhento e, ao contrário da maioria dos que agora surgem nas ruas, não procura fazer alusão a nenhum tema em particular, nem ser fotografado para uma qualquer rede social. As mesas são de madeira, as cadeiras não têm uma almofada para que nos sintamos em casa, e os menus, além de não terem sido feitos a computador, estão rabiscados, espelhando a subida de preços que tem vindo a ocorrer, reflexo do turismo crescente e da procura constante de sair da rotina de um povo empobrecido.

Aqui dentro faz calor, mas aquilo que me aquece a alma é o cigarro que aperto entre os dedos e que vou sugando, e a bebida que a cada trago me alimenta os pensamentos. Estou concentrada em procurar aquilo que, por mais que encontre, nunca é suficiente. A dor dos outros.

Com um gesto seco, mas amável, o empregado poussa o copo na mesa, e, por uns segundos, sinto que é o meu momento. Remexo-me na cadeira, à procura da posição certa, e, entre um bafo e um gole, leio o livro que me tem vindo a ocupar o tempo. Aprendi ao longo dos anos que, depois de um dia a fazer sempre a mesma coisa, sempre a mesma coisa, de que, ainda por cima, não gosto, não posso voltar para casa sem desfrutar do meu tempo. Tempo para fumar um cigarro, beber um copo gelado de *whisky* e ler um ou dois capítulos. Podia fazê-lo em casa, no conforto do meu sofá em segunda mão, rodeada da mobília que escolhi com toda a certeza num dia em que não estava sóbria. Mas a verdade é que gosto de estar aqui. Gosto de olhar para as pessoas, de ver a forma como se dão, como recuam e aquilo que as move. De imaginar o que as faz estar aqui e não noutra lugar, de especular sobre aquilo que terão feito antes de se renderem a este pequeno espaço no canto da minha rua, e gosto de supor o que pensarão ao olhar para mim. Tenho trinta e dois anos, sou uma mulher discreta e o meu rosto cansado está sempre escondido atrás de um sorriso breve,

mas educado. Será que olham para mim e se perguntam porque estou aqui sozinha? Pensam que deveria, a esta hora, estar em casa a cuidar dos filhos, a beijar o meu marido, a preparar o jantar? Ou será que, quando olham para mim, comentam que devo ser uma daquelas divorciadas que afugentam cada homem com quem se cruzam, de cada vez que fala da sua difícil separação? Será que reparam sequer em mim?

Sei que, mais cedo ou mais tarde, todos saberão quem sou. Que estarão à minha procura, que falarão sobre mim, que viverão na tentativa inútil de se assemelhar à minha imagem. Teremos apenas de aguardar. Vocês e eu.

— Peço desculpa por incomodá-la, mas será que podia, por favor, emprestar-me o seu isqueiro? — perguntou-me uma senhora, de repente. Olhei-a rapidamente, e, envolvida naquilo que estava a ler, entreguei-lho, sem retirar os olhos do livro. Agradeceu e, sem mais, sentou-se à mesa ao lado da minha. Por uns segundos, olhei para ela, discretamente. O meu corpo estremeceu e, quando olhei para a minha mão direita, que continuava a segurar um cigarro marcado pelo vermelho do meu batom, percebi que a voltaria a ver, que tinha de voltar a vê-la. O olhar descaído, a pele do rosto mais envelhecida do que a voz que me interpelara, tudo nela gritava desespero, angústia e socorro. Hoje só me tinha perguntado se lhe podia emprestar o isqueiro, mas estava certa de que amanhã, ou depois, pediria por justiça, e nesse momento, quando precisasse, eu estaria sentada aqui, àquela mesma mesa, pronta para a salvar. Só tinha de aguardar, e a paciência, felizmente, é uma das minhas poucas virtudes.

Levantei-me e caminhei até casa. Um caminho que percorro diariamente, onde, entre as beatas de cigarros, os papéis no chão de uma sociedade que se diz preocupada com o meio ambiente, e as pedras da calçada desalinhadas como um *puzzle*, me sinto livre dentro da prisão do que sou. O ardor na garganta perdurava depois daqueles últimos três goles dados à pressa, e, quando dei por mim, já estava no quarto, pronta para dormir, pronta para acordar, pronta para ir

trabalhar, pronta para voltar ao café, pronta para depois ir para casa, pronta para depois voltar a dormir.

Naqueles segundos em que o corpo já adormeceu, mas a cabeça teima em continuar acordada, penso no quanto gostaria que a minha vida fosse diferente. No quanto gostaria de ter tirado o curso que ambicionava, no quanto gostaria de ter tido sequer alguma ambição. Relembro-me dos gritos que dei e da força com que fechei a porta de casa dos meus pais quando decidi ir-me embora. Sinto ainda os dedos a folhearem as cartas que recusei ler durante tantos anos, e posso jurar que ainda tenho o rosto húmido das lágrimas que chorei de cada vez que perdi a coragem de virar a minha vida ao contrário, de cada vez em que não ousei querer viver, até ter descoberto a minha missão.

Adormeço num sono profundo. Amanhã o despertador tocará às oito, como em todas as outras manhãs. Caminharei por entre as roupas que estão no chão e comerei aquilo que todos os dias como. Sem grande preocupação, procurarei alguma coisa passada a ferro para vestir e chegarei exatamente às nove ao trabalho. Como todos os dias. Desde os meus vinte e três anos. Sem sobressaltos, sem mudanças. Como um robô programado para ser excelente, mas a fazer só uma coisa. Vezes e vezes sem conta, mas a contar todas elas. «A repetição traz a excelência», dizem eles, lá de cima, nesta hierarquia onde ocupo o lugar mais baixo. A repetição traz a morte, penso. Mas lá continuo.

*

— É o do costume? — pergunta-me o empregado.

— Sim, por favor. Com uma pedra de gelo.

Acendo um cigarro e, ainda com as mãos geladas, reparo que a mulher que me pediu o isqueiro no dia anterior continua naquela cadeira, àquela mesma mesa, como se não se tivesse ido embora. Parece que o tempo para ela parou, que o mundo podia desabar lá fora e que a única coisa que lhe importaria seria a sua bebida, e que, com o impacto da Terra a ser comida, aquela não acabasse por cair

no chão. Terá ido embora, ou ficou aqui, impávida e serena, apenas à espera de que eu voltasse? Será que também senti que a nossa história acabara de começar?

Detenho-me no que estou a ler, e, sem espanto, vejo-a a aproximar-se da minha mesa:

— Quer o isqueiro? Esteja à vontade — disse, enquanto lho entregava, num tom que tinha tanto de amável como de irónico.

— Não, não. Obrigada! Só gostaria de lhe perguntar o que está a ler. Tenho reparado que lê com muito afínco e parece que nem está aqui. Não se incomoda com o barulho?

Percebi que aquilo que queria era companhia, compreensão e eu, passadas tantas semanas de solidão, não me importava de agora, mesmo que por pouco tempo, guardar o livro e ouvir alguém. Ansiava que me procurassem e, quando isso acontecia, quando me cruzava com pessoas como ela, que gritavam em surdina por socorro, ficava apenas, ali, a aguardar, expectante, a imaginar mil e um cenários e a desejar que o delas fosse mais sórdido do que qualquer um dos que me passara pela cabeça. Expliquei-lhe que gostava de ler naquele café exatamente pelo barulho dos copos a baterem, pela música, pela porta a ranger de cada vez que alguém entrava ou saía. Que me ajudava a abstrair-me e, acima de tudo, que me fazia viajar muito mais rapidamente com o escritor, pois tinha mesmo de me concentrar para conseguir entender as suas palavras.

Ficámos a conversar alguns minutos, comigo à espera do momento em que ela me revelasse toda a sua dor. Mal podia esperar, na verdade. Debater circunstâncias, coisas supérfluas, faz parte de qualquer preâmbulo, mas aquilo que queria era saber o que a atormentava.

Joana era solteira, sem filhos, desempregada. Vivia perto de mim, fora uma mudança recente, e aquele café também a cativara pela simplicidade e escuridão. Acabámos por falar daquilo que toda gente fala quando não quer dizer muito: o tempo, o estado do país, a corrupção do governo, a esperança de que as coisas mudem. Passava os dias

a enviar currículos, na expectativa de que alguém, mais cedo ou mais tarde, a chamasse. Tomava conta da avó, já idosa, com quem sempre tinha vivido, e percebi que aqueles instantes no café também eram o seu momento. Com o passar do tempo, tornei-me sua confidente, e deixámos o tratamento formal. A certa altura confessou não ser católica.

— Não acredito em Deus — disse-me —, nunca acreditei. Muito menos agora, na minha situação.

Contei-lhe que também não era crente, que nunca tinha sentido o «chamamento» e que, por isso, levava a vida doutra forma, à procura de outras coisas que não um lugar no Céu. Disse-me que a avó, de quem cuida, dedicou a vida toda à Igreja: ia à missa todos os dias, rezava ao acordar, de cada vez que a comida se punha na mesa, antes de se deitar. Dava o que tinha e o que não tinha no peditório, era leitora, distribuía a hóstia sempre que lhe era pedido e, por pior que a vida estivesse, nunca, mas mesmo nunca, se interrogava acerca do motivo pelo qual Deus lhe estaria a fazer aquilo.

Era católica como dizem que se deve ser, em todas as ocasiões e não só nos apuros, era católica de agradecer e não só de pedir, era católica de dar sem receber, era católica de perdoar e de esquecer, de pedir perdão e de sentir profundamente o arrependimento.

A forma como Joana falava da fé da avó fez com que imaginasse uma senhora já idosa, com o rosto marcado pela vida, os joelhos gastos de tantas horas a agradecer-Lhe e as mãos enrugadas pelo tempo passado a fazer arranjos de flores para adornarem o altar da paróquia. Esta ideia romântica de uma velhinha devota, para mim, tinha tanto de surreal como de ridículo, e foi com um esforço heroico que não desatei a rir ao imaginá-la, tão tonta e despropositada, a falar ao Céu e a fingir que ouvia qualquer resposta.

Continuou, chegando ao ponto por que eu esperava desde que a vira inicialmente:

— Agora, está doente. E a palavra doente é simpática no caso dela, porque, infelizmente, está a morrer. Tem uma doença degenerativa, e, se há alguns meses era uma mulher energética e cheia de vida,

hoje não consegue sair da cama. Perdeu a mobilidade, perdeu o apetite, perdeu a vivacidade. Mas o mais engraçado, e néscio ao mesmo tempo, é que não parece triste. Está serena, como se aceitasse que Deus a quer ao seu lado. Diz muitas vezes «que se faça a vontade d’Ele», e sempre que acorda e me chama para a ajudar a ir à casa de banho diz-me que «Deus é tão grande» que anseia ir ter com Ele — respirou fundo. — Não imaginas como me dói ouvir aquilo. A minha avó cuidou de mim desde que nasci, a minha mãe morreu meses depois de me dar à luz, e do meu pai não tenho também memórias, e, agora, que é a minha vez de lhe retribuir, parece que não quer ficar aqui. Continua a agradecer-Lhe, mas o que há para agradecer quando alguém já não nos dá nada além de um sofrimento imensurável?

Sorri. Sei que talvez não devesse fazê-lo, mas ninguém imagina a satisfação que sinto, como o meu corpo se contrai de prazer quando oiço a miséria dos outros e como todos os meus músculos relaxam lentamente, numa sensação semelhante a um orgasmo, quando consigo ajudar alguém nessa situação. Mas é necessário que me controle. Já desempenhei demasiadas vezes este papel para cometer erros.

— Nunca senti o «apelo». E, agora, ao olhar para a minha avó e ao recordar-me da quantidade de anos que dedicou à Igreja, menos acredito ainda. Como é que uma pessoa que fez tudo por Deus é assim traída? Sei que um dia todos morremos e que, por mais que eu quisesse que a minha avó fosse eterna, não é. Mas, porra, ela estava ótima há tempos não tão distantes assim. Com tantas causas para morrer, tinha de ficar sem se mexer, como se estivesse de castigo na cama? Se há alguém que não fez nada para ser castigada foi ela. Não faz sentido. Deus não pode tomar conta de todos, não pode, dizem, proteger todos da maneira que cada um gostaria de ser protegido, mas a minha avó merecia misericórdia. Eu sei que ela não merecia isto. Antes lhe desse uma morte rápida, daquelas em que não há tempo para os entes chegados se despedirem; antes enviasse alguém para lhe dar um tiro; antes a fizesse ter um acidente de viação mortal, qualquer coisa que não isto.

Deus nunca representou nada que me pudesse despertar a curiosidade. Os meus pais não eram católicos e, se alguma vez o foram, eram daqueles «não praticantes», se é que a isso se pode chamar católicos. Queriam que fosse à catequese como os meus colegas da escola, mas também não iam comigo à missa. Pediam-me que ouvisse atentamente o que era dito pelo padre da paróquia, mas não pareciam ter quaisquer valores católicos ou respeitar todos os preceitos da Igreja. Acho que aquilo era mais vontade de dizer que a filha frequentava a igreja do que outra coisa qualquer. Acabei por andar lá dois ou três meses, e rapidamente os meus pais me ocuparam o tempo com outra atividade extracurricular, porque para eles aquilo sempre foi uma atividade complementar, que lhes permitia não terem de me ir buscar à escola antes das cinco da tarde. É capaz de ser das poucas coisas que tenho a agradecer-lhes, o facto de me terem tirado dali.

— Compreendes o que sinto? — perguntou-me. — Estou impotente, e isso irrita-me e destrói-me ao mesmo tempo. Porque, por mais que eu queira, não há nada que possa fazer. A minha avó recusa-se a ir ao médico, não quer tomar os medicamentos e, de cada vez que sugiro levá-la a passear de carro, só para ver os jardins da cidade de que ela sempre gostou tanto, responde-me, com tristeza, mas de forma firme, que já viu tudo o que tinha para ver e que, com as dores que sente, nem o cheiro das rosas lhe fará despertar o olfato.

Os nossos encontros tornaram-se um hábito. Duas mulheres sozinhas a beber *whisky* e a partilhar dores, qual retrato mundano da liberdade de reunião e associação. Ou melhor, ela partilhava comigo as suas, os gritos que a avó soltava de cada vez que tentava mexer-se, a indignidade de não controlar a bexiga nem os intestinos na cama, as palavras que já não lhe saíam da boca, os olhos vazios de tudo. Eu ouvia. Paciente, mas toda eu era entusiasmo e esperança febril de que a minha oportunidade chegasse.

A experiência ensinou-me que a maioria das pessoas que está como a Joana, a caminhar em bicos de pés para o abismo, precisa

de me encontrar, por mais que eu as fareje à distância. Devo estar disponível, mas não posso ser eu a dar o primeiro passo. É ridículo, não é? Como um jogo de sedução. Precisam desesperadamente de mim, mas, se for ter com elas, e lhes disser o que devem fazer, assustam-se, fogem como zebras de leões. Eu não sou uma predadora, antes quem as vai salvar. No entanto, têm de ser elas a perceber isso.

No final de janeiro, com os olhos inundados de lágrimas, disse-me:

— Não aguento mais. A cada dia que passa a minha avó piora a olhos vistos. Tenho de lhe dar a comida à boca, tenho de a levar à casa de banho, tenho de me levantar a meio da noite para lhe mudar os lençóis porque, para não me acordar, acaba por urinar na cama... Estou de rastos... Custa-me vê-la assim, a degradar-se, a perder a fala. Ontem estive mais de cinco minutos sentada à beira da cama dela para tentar perceber o que me pedia: via-a em sofrimento e sabia que ela precisava de alguma coisa, mas ela, coitada, não conseguia dizer-me o que sentia. Isto é horrível.

O bar continuou a viver, o barulho da porta, os copos a baterem no ar, os copos a baterem na mesa, a máquina do café a trabalhar, as gargalhadas estridentes da loira da mesa seis, alheios ao sofrimento da minha interlocutora. Cada uma de nós tinha paralisado à sua maneira, retidas na imensidão que é a vida e na necessidade de sentirmos pena de nós próprias, de abraçar um sentimento inútil de auto-comiseração, e, ao mesmo tempo, de não conseguirmos, não sentir uma espécie de satisfação repugnante por sabermos que existe sempre quem esteja pior do que nós.

— A tua avó está a sofrer muito, não está? — perguntei-lhe. Ela anuiu, e eu continuei: — Acreditou a vida toda em Deus, serviu-O e, agora que precisa Dele, só te tem a ti. Tu é que cuidas dela, tu é que estás lá todos os dias, sempre que ela precisa de ti. Estás aqui a corroer-te para te ires embora, com medo de que ela te chame e tu não estejas lá. Não é verdade?

— Sim, é, mas...

Interrompi-a.

— Não há «mas». Deus não está a ajudar a tua avó. Deu-lhe essa terrível doença e, agora em vez de acabar com a agonia dela, está a fazê-la sofrer como se merecesse. A tua avó pode aceitar isto como a vontade d'Ele, mas porque aceitas tu, se não acreditas n'Ele? Se fosse eu, acabava com o sofrimento dela. Sem hesitar. Se Deus não é misericordioso com ela, tu tens de ser: deves-lhe isso, tal como lhe deves tudo o resto que já lhe estás a dar. O apoio, o amor, a esperança. Mas, como vês, é pouco, não chega. E nunca vai chegar, por mais que te multipliques em esforços, mesmo que deixes de ter este tempo para ti, por mais que permaneças ao lado dela na tentativa inútil de perceberes do que precisa.

Respirei fundo. Algo em mim despertou naquele instante, como se tivessem dado de beber a uma flor que precisava desesperadamente de água. Os meus músculos relaxaram, o meu corpo esticou-se, e senti-me tão aliviada que, por momentos, receei que o meu prazer fosse demasiado visível e que aquela mulher, chorosa e cujo espírito parecia estar quase a abandoná-la, tal a tristeza que sentia, se fosse embora, perplexa com a minha reação.

A Joana, por outro lado, ficou a olhar para mim como se lhe tivesse dito que cometesse uma atrocidade ou lhe tivesse contado que, afinal, a Terra é um quadrado e, por isso, quando chegasse ao vértice superior direito, se iria picar como num alfinete. Sem mais, levantou-se, balbuciou qualquer coisa sobre eu ser um monstro sem escrúpulos e desapareceu no meio das pessoas até fechar a porta com toda a força que tinha.

Ouviu-se um estrondo.

Ajeitei-me na cadeira, abri o livro, acendi um cigarro, pedi outro copo e, de uma só vez, bebi-o.

Terá ela percebido o que lhe disse? Não se queixa há quase um mês, todos os dias, de que a avó está doente, que está a sofrer? Que queria que lhe dissesse? Que acariciasse a avó até ela morrer? Que ignorasse os gritos de dor? A merda na cama, os olhos vazios? As palavras balbuciadas numa tentativa inútil de dizer do que precisava?

Fui para casa e, pela primeira vez desde há muito tempo, sentia-me aliviada, como se tivesse tirado um peso dos ombros. Não me arrependo daquilo que disse; se fosse eu, era isso que faria. E a Joana, se não o fizer, é porque não ama assim tanto a avó. É porque é fraca e também porque não conhece a dimensão da garra de uma mulher. A vida não é feita para aqueles que, quando chega a sua hora, atrasam propositadamente o relógio com que adornam o pulso.

Antes de ir dormir enviei uma mensagem à Joana a explicar-me melhor: disse-lhe que a avó estava a sofrer desalmadamente e que, em consequência, também ela estava a sofrer. Que a avó já tinha vivido muitos e bons anos, e que, agora, todos os que viessem seriam de agonia, sofrimento e incapacidade. Que, tal como a ajudou a viver, Joana deveria agora ajudá-la a morrer, porque a morte era mais leve do que peso que carregava de cada vez que tinha de a ajudar a ir à casa de banho.

Não há amor mais puro do que aquele que não é egoísta e que, antes de pensar em si, pensa no outro. Por mais que a Joana quisesse que a avó continuasse viva, ela tinha de morrer, e cada dia era como uma agulha a espetar-se-lhe na pele, atravessando a carne, perfurando os ossos, rasgando cada nervo.

Fiquei a olhar para o telefone até adormecer, ansiosa que me dissesse algo. No dia seguinte, quando cheguei ao nosso ponto de encontro, ela não estava lá. Sentei-me, pedi o meu copo, fumei um cigarro e, depois de abrir o livro que teimava em ler repetidamente, senti de novo aquela solidão que antes de a Joana aparecer já se começava a tornar minha. «Que se lixe», pensei, «antes sozinha do que com alguém sem coragem.»

Quando já estava a pagar, pronta para me render ao caminho gelado que faria a pé até ao quente da minha casa, a Joana chegou e, assim que os nossos olhares se cruzaram, perguntou-me se podíamos ir para um sítio mais calmo... Sorri e levantei-me, depois de lhe ter pedido que me seguisse.

Chegámos a minha casa e percebi quão caótica a tinha deixado. Olhei para ela pelos olhos da minha convidada e senti-me mal,

envergonhada. Arredando livros, roupa e pratos sujos, sentámo-nos no sofá, e ela disse:

— Desculpa ter reagido daquela forma quando falámos da última vez. Não percebi o que realmente queriam as tuas palavras dizer e, na altura, quando as ouvi, pensei o pior de ti. Fui para casa e comecei a odiar-te com a mesma intensidade com que gostava de ti e da tua companhia. Depois do ódio, tentei compreender as tuas palavras e, hoje de manhã, enquanto agarrava os cabelos finos da minha avó para que não se sujasse de novo ao vomitar, percebi o que querias dizer. Como é que o faço?

Suspirei e, contente com o que havia ouvido, disse-lhe que a morte da avó não poderia ser culpa sua, porque, acima de tudo, não merecia ser presa por libertar a pessoa que mais amava. Portanto, o melhor, e menos doloroso, seria uma morte breve, sem falhas, e que não levantasse suspeitas. Fui buscar um frasquinho que tinha guardado numa prateleira do armário da sala e entreguei-lho:

— Dá-lhe isto de beber. Vai acalmá-la, e, assim que adormecer, não voltará a acordar. Não vai ter dores, não vai sentir absolutamente nada, prometo-te. Despede-te dela e recorda-a do quanto a amas.

A Joana desatou a chorar ruidosamente e, ainda com a mão fechada com muita força, como se quisesse proteger aquele frasco, levantou-se e agradeceu-me por tudo, balbuciando palavras que não me esforcei por entender.

— Não sei se vou conseguir fazer aquilo que me sugeres, mas vou tentar. Prometo. Obrigada.

Fechou a porta e saiu. Passadas algumas horas, estava eu prestes a adormecer, enviou-me uma mensagem:

Obrigada por me teres guiado. Já percebi o motivo pelo qual não acreditas em Deus, tu acreditas e segues-te a ti própria, e agora também eu te seguirei. A minha avó já está a dormir. E se visses a serenidade do seu rosto perceberias quão importante és para nós.

Eu sabia que a Joana ia conseguir. Conseguem sempre.

A PROFETA

Mariana é uma jovem mulher solitária. Tem um emprego do qual não gosta, passa os dias e as noites sozinha a ler um livro misterioso. Sente um profundo desprezo pela Humanidade, mas não consegue evitar ajudar quem precisa, mesmo que a ajuda venha na forma de um frasquinho de veneno indetetável.

Através das pessoas com quem se vai cruzando, todas vítimas de alguém, Mariana vai eliminando o mal do mundo e, ao fazê-lo, junta uma legião que jura segui-la para sempre, como uma profeta.

Neste livro, Maria Francisca Gama faz uma reflexão sobre a religião, o certo e o errado, e a aleatoriedade de acontecimentos que em segundos destroem uma vida. É a incapacidade de aceitação e a busca por uma justiça divina que, não chegando, é feita pelas próprias mãos.



Penguin
Random House
Grupo Editorial



penguinlivros.pt



[penguinlivros](https://twitter.com/penguinlivros)



[penguinlivros](https://www.instagram.com/penguinlivros)



[sumadeletrasportugal](https://www.facebook.com/sumadeletrasportugal)

ISBN 9789897846076



9 789897 846076 >